

“QUANDO EU SAIO A DIVERTIR, NEGRO SAI PRA TRABALHAR”: O LUGAR DO REPENTISTA NEGRO NAS CANTORIAS DO NORDESTE (1970-1925).

Germana Guimarães Gomes*

A presente pesquisa tem como proposta analisar o lugar do repentista negro nas cantorias do Nordeste do final do século XIX e início do século XX. Para isso, utilizaremos como fontes primárias os repentes incorporados pela literatura de cordel, tais como a “*Mal assombrada peleja de Francisco Sales com Negro Visão*” (1916) a “*Peleja do Cego Aderaldo com Zé Pretinho dos Tucuns*” (1923), e o “*Desafio de Inácio da Catingueira com Francisco Romano*” (1874). Destacando as dimensões excludentes e discriminatórias, tomamos como aporte teórico para a análise das representações e práticas desses repentistas negros, as discussões de Chartier (1990). Para este autor, as práticas e representações se tornam o cerne para entendermos como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade é construída, pensada e dada a ler por diferentes grupos sociais. Dentro dessa discussão, buscaremos fazer também uma análise sobre o repente no Nordeste. Presença cultural significativa nessa região, o repente possui função informativa, exercendo nessa pesquisa um papel bastante relevante, na medida em que consegue refletir as representações instauradas na região Nordeste.

Palavras-Chaves: Cantorias-Negro-Nordeste

O interesse pelas questões relativas ao negro nas mais diversas instâncias da nossa sociedade tem sido cada vez mais frequentes nos estudos feitos pelos historiadores. As inquietações para com esse âmbito são pertinentes, visto que o negro e sua participação na construção da história do Brasil ficaram relegados a um segundo plano. O conjunto das desigualdades sociais, das manifestações preconceituosas e discriminatórias endereçadas ao negro chamou nesse sentido a nossa atenção para o estudo do racismo, que não é uma questão esgotada em nenhuma dimensão, seja essa psicológica, social, política, ou cultural.

Partindo então do pressuposto da necessidade em discutir as questões étnicas, pois além de sermos tributários de uma cultura européia somos também tributários de várias culturas africanas, desejamos nessa pesquisa verificar as relações de desigualdade social que colocam o negro e sua história a margem da sociedade. Para tanto, tomamos como recorte temporal o final do século XIX e início do século XX no Brasil, tendo como objetivo discutir o lugar do repentista negro nas cantorias do Nordeste.

Destacando os repentes a “*Mal assombrada peleja de Francisco Sales com Negro*

* Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal da Paraíba. Endereço eletrônico: ggermanag@hotmail.com.

Visão (1916)” a *“Peleja do Cego Aderaldo com Zé Pretinho dos Tucuns (1923)”*, e o *“Desafio de Inácio da Catingueira com Francisco Romano (1874)”*, verificamos a emergência desses repentes no contexto marcado pelas discussões abolicionistas e modernizadoras no Brasil. Segundo SCHWARCZ, percebe-se nesse período, uma forte veiculação do conjunto de discriminações direcionada ao negro.

E de certa forma permaneceram com tal sentido na recomposição social dos ex-escravos, sobretudo quando tiveram que enfrentar a discriminação do mundo pós-abolição, transformando em exclusão pelo projeto modernizante da elite brasileira que aludia de suas propostas amplas setores sociais em nome de uma pretensa inadequação dos chamados novos tipos (SCHWARCZ, 1998, p.129).

Exemplo de democracia racial verifica-se ainda hoje no Brasil a imagem de que todas as raças e etnias vivem harmoniosamente, mas pesquisas constatam que a realidade é bastante diferente. Brasileiros que não possuem a cor da pele clara, ainda se encontram carregando um fardo do qual tentam se livrar, fardo este que historicamente se encontra no período escravocrata.

Foi assimilando os estereótipos veiculados pela cultura dominante, e reproduzindo-a em suas cantorias, em seus desafios, que os autores e cantadores dos repentes destacados, representaram os negros influenciados pelos estímulos da sua realidade histórica, social e cultural passando nesse sentido a reproduzir os discursos instituídos em sua região, *“pois é na sua própria locução que essa região é encenada, produzida e designada* (DURVAL, 2003, p.53)”.

Ao analisar os repentes destacados nesse estudo, percebemos a existência tanto de insultos como também de elogios nas falas dos cantadores para com os seus oponentes negros. Entretanto, no que concerne aos elogios, estes mascaram certos preconceitos como podemos perceber na fala de Arêda ao questionar a inteligência do seu oponente. *“Negro quem és tu com tanto estilo e linguagem”* (AREDA, 1916 p. 3). Percebe-se nesse verso, que o estilo e a linguagem apropriada nas cantorias, fazem parte da fala do Negro Visão, mas que é impugnado pelo seu oponente, pelo simples fato deste ser negro.

Associando aos demônios, a seres do outro mundo, subestimando sua inteligência, sua verbalização, agredindo fisicamente o negro cantador, Cego Aderaldo, Francisco Sales e Francisco Romano, conseguem refletir em seus repentes as representações construídas em suas realidades, seja essa social, cultural ou política.

Você faz parte da fera, que iludiu Adão e Eva, manchando a lei do dever, com o

fruto da reserva, mas não pense que me arrasta, para o caminho da treva.
 (ARÊDA, 1916 p. 3)
 Negro sem futuro, perna de tição, boca e beijo de gamela (SALES, 1923).
 Quando eu saio a divertir, Negro sai pra trabalhar (ROMANO, 1874).

Subjacente a essa visão do negro nesses repentistas, existia uma ideia recorrente de tratá-lo como vazio de experiências e aprendizados. Na visão de muitos o negro ressurgia assim no período pós-abolição como um ser vindo do nada, do vazio deixado pela escravidão e que posteriormente seria preenchido pelo conceito igualmente vago da marginalidade social, e é assim que os repentistas justificam suas falas e posturas para com os oponentes negros.

Quem é você tão sabido, pra conhecer mais do que eu, nem rebaixar o poder, que a natureza me deu, se veio com essa idéia, pode dizer que perdeu (ARÊDA, 1916 p. 7)
 Esse negro foi escravo, Por isso é tão positivo! Quer ser na sala de branco, Exagerado e altivo. Negro da canela seca. Todo ele foi cativo! (SALES, 1923)
 Negro criado vadio Tem por fim acabar má; Uns casam com mulher forra Outros dão pra roubá. Outros fogem do serviço Com medo de trabalhá. (ROMANO, 1874)

Um dos destaques na análise dos repentistas é para o Desafio de Inácio da Catingueira com Francisco Romano. Enfatizo a relevância desse repente, uma vez que o cantador ainda era escravo. Sendo escravo e cantador, Catingueira acabou utilizando de diferentes formas e estratégias para dar visibilidade as suas cantorias. Negro, escravo do fazendeiro Manuel Luiz, se tornou lendário nas cantorias, sendo orgulhosamente citado por todos os improvisadores do sertão. Seus dotes de espírito, a rapidez fulminante das respostas, a graças dos remosques, a fertilidade dos recursos poéticos, a espantosa resistência vocal, ficaram celebrados perpetuamente nos desafios do Nordeste. Sendo negro e analfabeto este não trepidou em enfrentar os maiores cantadores do seu tempo, debatendo-se heroicamente e vencendo quase todos.

Se sobrepondo nas pelepas, este cantador conseguiu destacar-se perante os demais repentistas da região, vencendo pelepas como esta ocorrida em Patos em 1874, na qual derrotou Francisco Romano, depois de cantarem juntos por oito dias.

Em *“Revoltas e Repentistas”* FREIRE nos mostra como Catingueira foi destacado em sua região. Ganhando cada vez mais notoriedade a partir dos desafios que compunha, este cantando escravo foi retratado da seguinte maneira pelo Padre Manoel Otaviano:

Inteligência que brilhou no cérebro de um escravo, hoje é o maior e mais admirado do que seu senhor. E só se fala do senhor por causa de seu escravo. Glorifica-se o escravo e do senhor não se fala. Ninguém hoje escreve a história de Catingueira sem falar de Inácio. Um negro cativo que imortalizou sua terra. A memória de Inácio com seu pandeiro na mão, recostado numa parede ou como o pé sob um banco tosco, deve engastar-se em bronze que na sua frieza e rigidez somática das suas moléculas, leve de nos aos porvindouros, o calor das pelejas e as estrofes candentes do seu estro genial (FREIRE, 1974, p.95).

A respeito da peleja destacada nesse estudo, o autor Antonio Freire nos mostra que os habitantes do sertão ansiavam por um encontro entre Romano Teixeira e Catingueira. Queriam vê de que lado à estrela iria brilhar mais. Chegavam até organizar partidos em que as facções se dividiam entre os dois grandes do verso improvisado. A peleja de Inácio da Catingueira como Francisco Romano sem dúvida foi uma das principais pelejas nas qual Inácio conseguiu coloca-se como cantador, e cantador escravo. O fato é que no seu tempo, nenhum cantador conseguiu sobrepujar “o gênio negro” da região nordestina “*Nem mesmo Francisco Romano temido por todos os repentistas da época, senhor absoluto dos terreiros da cantoria conseguiu vencer*” (FREIRE, 1974, p.99).

Encontro facilitado pelo coronel Firmino Aires, confiante da habilidade de Inácio, este chegou a Patos seguido por uma caravana de seus partidários da Catingueira, enquanto Romano se encontrava cantando na casa do coronel. A peleja foi iniciada de forma branda, mas logo começou os insultos, visto que Inácio da Catingueira não era só um simples cantador, era também um escravo. “*Negro que andas fazendo, Dentro desta freguesia, Cadê teu passaporte, A tua carta de guia, Se vens fugido eu amarro, Negro comigo não chia*”. (ROMANO, 1874, p.1).

Mesmo se justificando a Romano, pois tinha sido liberado pelo seu senhor, Inácio continuo ainda a receber insultos por parte do seu oponente. “*Inácio da Catingueira, Se mete a cantar repente, Negro me trate melhor, Que estamos em meio de gente, Queira Deus você não saia, Da sala com couro quente*”. (1874, p.2).

Porém, Inácio vai se sobressaindo com sua inteligência e esperteza, características preponderantes dos cantadores dessa região. Catingueira vai mostrando seu potencial deixando seu oponente sem ação diante da platéia, quando mostra para a assembléia a descendência nada branca do seu oponente. “*Esta frase agora, Me deixou admirado...Para o senhô ser branco, Seu couro é muito queimado, Sua cor imita a minha, Seu cabelo é agastado*”. (CATNGUEIRA, 1874, p5).

Segundo Freire, nesse momento Romano perdeu a direção, “*Ficou como um camaleão mudando de cor*”, Catingueira havia tocado num ponto vulnerável do tal cantador. Tido como invencível nos rodeios dos desafios, Romano não encontrou argumentos capazes de brilha na resposta e com isso ensaiou a desculpa que não cantaria mais com negro, pois além de não dar “*cabimento*” a escravo, estava com dor de cabeça e necessitava descansar. “*Inácio vamos parar, Estou com dor de cabeça, Preciso de algum repouso, Antes que o dia amanheça, Estou com cara de sono, Sem ter mais quem me conheça*”. (ROMANO, 1874, p.16).

Buscando compreender a forma como nossa cultura sedimentou e construiu os estereótipos para demonstrar que o negro não é protagonista de sua história que buscaremos refletir a partir desses três repentes analisados as cantorias do nordeste e como estas exerceram e exercem um papel fundante na manutenção das representações discriminantes e estereotipadas sobre os negros. Direcionando esse estudo nas análises desses três repentes, verificamos a associação desses repentistas aos discursos discriminantes proferidos ao negro no período pré e pós-abolicionista, sendo este último marcado pelas discussões modernizadoras instituídas pelo regime republicano.

É no final do século XIX e início do século XX que a idéia de branqueamento ganha força, fazendo como que a mestiçagem existente no Brasil atestasse a falência da nação, repercutindo, portanto, na visão preconceituosa direcionada ao negro. Este foi o terreno fértil para a constituição do negro dos estereótipos negativos que subsistem até hoje, inclusive nos repentes. O negro acabou perdendo sua personalidade sua representatividade sua cultura sua história

A pecha de vagabundo e ociosos desorganizados social e moralmente que lhes foram atribuídas na visão daqueles que reconstruíram o país após a desmontagem do regime escravista, impede a princípio a interpretação de suas trajetórias sociais enquanto movimento singulares vivenciando nos limites do que era possível, mas com base em escolhas e valores próprios. (WISSEMBACH, 1998, p. 52)

Segunda a autora, a estrutura da sociedade escravocrata engendrou a ideia desses homens como seres andarilhos, homens que não possuíam vínculo algum e por se encontrarem nessa situação em toda parte de acomodavam. Esse conjuntura na verdade era um meio de escapar das amarras da dominação patriarcal dos alistamentos e dos cenários de guerras locais.

Discutir esse contexto histórico implica fugirmos das idéias veiculadas nesse

período que colocaram valores e visões de mundo a eles peculiares e estereotipadas. Os negros tiveram que buscar novos espaços sociais que permitissem como nos coloca Wissembach (1998) minimizar não só as mazelas do deseraizamento, como também a condição de exclusão pretendida pelos projetos modernizantes das elites brasileiras.

Atuando de maneira relevante na medida em que consegue refletir os discursos e as representações sociais instauradas nessa região, os repetes do final do século XIX e início do século XX nos fornecem elementos bastante relevantes para entendermos como essas representações foram apropriadas pelos cantadores desse período.

Câmara Cascudo (1978) consagrado como autor da cultura popular e folclórica no nosso país, contribuiu grandemente com suas obras para as discussões sobre o repente no que concernem as questões da métrica, rima, ou seja, da técnica de versejar.

A sextilha versos de seis pés é a forma popular dos “desafios” e dos romances publicados em todo o Brasil, comentando assuntos novos ou velhos, líricos, guerreiros, políticos gerais ou locais... Apesar da boa memória e da desenvoltura o cantador ainda é vivaz é impressionador. A ciência por si só não daria a rapidez da resposta, o brilho da imagem imediata as alegrias fisionômicas do auditório que compreende e consagra seus félibres analfabetos e glorioso (CASCUDO, 1978, p. 371)

Focando a cerca dessa arte no Brasil, este autor coloca que no Nordeste essa se caracteriza pela sua diferenciação, pois verifica-se que a voz humana nesse tipo de combate nessa região, soa isoladamente, as violas, rabecas e porque não dizer o pandeiro do consagrado cantador Inácio da Catingueira, não fazem um acompanhamento, mas um solo.

O desafio português que se fixou no Brasil, seguiu o processo clássico do acompanhamento musical, porém no Nordeste as cantorias independem desse acompanhamento musical. Os instrumentos tocam nos intervalos das sextilhas quando ninguém está cantando (CASCUDO, 1978, p. 256)

Lugar de construção da identidade nordestina, as cantorias configuram-se como uma das mais importantes marcas da cultura brasileira. Dentro de um contexto oral, essa manifestação cultural se deu pela troca de informações, de experiência e fantasias de determinados grupos para seus semelhantes. O cantador ordenando em forma poética aquilo que ele queria transmitir possibilitava nesse sentido, uma maior memorização de sua poesia para o público ouvinte.

A habilidade que o poeta cantador nordestino tem em transformar notícia em história, mostrando assim determinados discursos e práticas a partir daquilo que ele vê,

ouvi ou vive, torna-se um fator de grande importância nesse estudo, na medida em que percebemos a existência de toda uma conjuntura política nos seus discursos. Em *Ideologia dos Poetas Populares* Carneiro (1977), nos mostra que a sabedoria do poeta atrelada a sua esperteza, inteligência e criatividade é o que faz tornassem destacados no meio em que vive. E é essa esperteza, criatividade e inteligência que fez com que os repentistas escolhidos na pesquisa conseguissem sobressair em seus desafios. Analfabetos, a maioria desconhecia a técnica de versejar, porém não perdiam o prumo na construção de suas estrofes metrificadas em rimas.

Interessado pelas transferências entre a cultura oral e a cultura escrita Chartier (1999) nos mostra como indivíduos não letrados podem participar de uma cultura letrada através das práticas culturais diversas, como o repente, por exemplo. Em cada época os homens constroem representações para conferir sentido a realidade através dos discursos, palavras, e práticas. Para este autor, a história cultural está pautada na identificação de uma história construída e pensada, o que implica dizer que os processos a serem estudados e percebidos na pesquisa não se mostram de uma maneira neutra, pois estão engendrados em um contexto construtivo, num contexto de interesses, que legitimam, justificam, excluem e incluem.

Não existem nessa modalidade restrições a cerca das temáticas, pois praticamente qualquer assunto pode ser tratado nas cantorias desde que se obedeça a certo padrão formal, este aqui pautado na versificação e na rima que devem ser bem elaboradas para o bom entendimento do ouvinte. Mas, é necessário que se enfoque que a questão formal não se restringe ao padrão estrófico, mas também aos recursos lingüísticos empregados no poema. “A seleção vocabular deve estar intimamente ligada à fácil compreensão, ou seja, a sonoridade deve submeter-se ao sentido” (ABREU, 1999, p.112).

Fugindo do caráter pejorativo dado pelo paraibano Rodrigues Carvalho em sua obra *Cancioneiro do Norte* (1903), no qual coloca a figura do cantador como “quase sempre desocupado, sem profissão, classificada entre as classes laboriosas, boêmio por índole perambulando em povoado, de viola ao peito, lenço de ganga no pescoço, pronto para cantar em batizados, casamentos ou festas” (CARVALHO, 1903, p. 56), propomos com esse estudo, refletir acerca do lugar social dos repentistas para entendermos como esses se apropriaram dos discursos excludentes e discriminantes legitimando-os em suas cantorias.

Identificar e investigar, portanto, as formas deturpadas nas quais os negros foram representados é o desafio que se propõe esse trabalho. Tratando dessas

questões excludentes, percebemos a relevância desse estudo, na medida em que este possibilitará uma maior discussão sobre o repente no Nordeste e sobre o negro repentista.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ABREU, Márcia. **História de cordéis e folhetos**. Campinas, SP: Mercado de Letras: Associação de leitura do Brasil, 1999.

ALBURQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. **Nordestino: uma invenção do falo**. Uma história do gênero masculino (Nordeste-1920-1940). Maceió: Edições Catavento, 2003.

BARROS, José D'Assunção. **O Campo da História: especialidades e abordagens**. Petrópolis: RJ: Vozes, 2004. p. 130-146.

CAMPOS, Renato Carneiro. **Ideologia dos poetas populares**. Recife: Edições UJNPS, 1977.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Literatura Oral no Brasil**. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1978

FREIRE, Antonio. **Desafio de Inácio da Catingueira com Francisco Romano**. In: ____Revolta e Repentes. João Pessoa: Nova Paraíba, 1974. p.93-119.

LESSA, Orígenes. **A voz dos poetas**. Rio de Janeiro: Fundação Casa Rui Barbosa, 1984. p. 70-80.

LUYTEN, Joseph M. **O que é literatura popular**. 2º ed. São Paulo: Editora brasiliense, 1984.

PASAVENTO, Sandra Jatahy. **História e História Cultural**. Belo Horizonte: Autentica, 2003.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Nem preto nem branco, muito pelo contrário: Cor e Raça na intimidade**. In: NOVAIS, Fernando A. História da vida privada no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

WISSEMBACH, Maria Cristina Cortez. **Da escravidão à liberdade: dimensões de uma privacidade possível**. IN: NOVAIS, Fernando A. História da vida privada no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

Repentes:

Mal assombrada peleja de Francisco Sales com o "Negro Visão". (1916)

Peleja do cego Aderaldo com Zé Pretinho dos Tucuns (1923)

Desafio de Inácio da Catingueira com Francisco Romano (1874)